

RAGNAR JÓNASSON

AUTOR BESTSELLER INTERNACIONAL

NOITE CEGA

«Os livros de Jónasson injetaram nova vida no *noir* nórdico.»

SUNDAY EXPRESS

TOP
SEL
LER

Para a Natália, do pai

Os acontecimentos de *Noite Cega* têm lugar cerca de cinco anos decorridos após *Neve Cega*. Ari Thór Arason continua a trabalhar como agente da Polícia na pequena cidade de Siglufjörður. Tómas, o seu chefe, mudou-se para o Sul, para a capital, Reiquiavique. O novo inspetor é um homem chamado Herjólfur. Ari Thór voltou a juntar-se à sua namorada Kristín, e os dois têm um filho com 10 meses.

ISLÂNDIA



SIGLUFJÖRDUR



*Algo se perde
Nos homens, com o tempo;
Nos homens, com as palavras...*

Do poema *Fraturado*, de Þorsteinn frá Hamri
(Skessukatlar, 2013)

1

Inquietante.

Sim, a palavra era essa. Havia qualquer coisa de inquietante naquela casa antiga e degradada. As paredes tinham um ar pardacento e sombrio, sobretudo num dia chuvoso como aquele. Ali, o outono parecia mais um estado de espírito que uma estação real. O inverno tinha-se instalado rapidamente, logo a seguir ao verão, em finais de setembro ou princípios de outubro, e era como se o outono se tivesse perdido, algures, na estrada para o Norte. Herjólfur, inspetor da Polícia de Siglufjörður, não sentia a falta dele em particular, pelo menos do outono que ele conhecia em Reiquiavique, onde tinha sido criado. Ele acabara por apreciar o verão de Siglufjörður, com os seus dias luminosamente brilhantes. E também gostava do inverno, com aquela escuridão omnipresente que se enroscava em volta das pessoas como um gato gigante.

A casa estava implantada relativamente próximo da entrada para o túnel Strákar e, tanto quanto Herjólfur pudera perceber, há anos que ninguém vivia naquele lugar, algo distante do ponto onde a cidade abraçava definitivamente a linha da costa. Ela parecia ter sido deixada ali unicamente para as mãos impiedosas da natureza desfrutarem dela a seu bel-prazer, e essa intervenção tinha sido brutal.

A construção abandonada despertava em Herjólfur uma atenção particular e isso preocupava-o. Era muito raro ele sentir receio, tendo aprendido já a abstrair-se das sensações desagradáveis, mas nesse preciso momento não estava a conseguir fazê-lo, o que não o deixava nada contente. Nesse momento, o carro-patrolha estava parado à beira da estrada e Herjólfur hesitava em deixá-lo. Ele nem devia estar de serviço, mas Ari Thór, o outro agente da Polícia da cidade, tinha ficado em casa com gripe.

Herjólfur manteve-se imóvel por momentos, com o frio penetrante da chuva a fustigar o carro-patrolha. Os seus pensamentos fluíram para o ambiente cálido da sala de estar de sua casa. Mudarem-se para ali tinha sido uma espécie de choque cultural, mas ele e a mulher tinham conseguido criar uma vida confortável e transformar gradualmente aquela casa simples num lar. A filha deles estava na universidade em Reiquiavique; o filho tinha ficado com os pais, vivendo no apartamento da cave e fazendo os estudos pré-universitários num instituto local.

Em breve, ele ia ter alguns dias de férias, partindo do princípio de que Ali Thór estaria apto a regressar ao trabalho. Planeava fazer uma surpresa à mulher e proporcionar-lhe uns dias de descanso em Reiquiavique. Já tinha marcado a viagem a partir do aeroporto de Akureyri e comprado os bilhetes para o teatro. Era o tipo de coisas a que ele queria habituar-se, fazer uma pausa na rotina do dia a dia, sempre que a oportunidade surgisse. Naquele momento, enquanto a noite já ia a meio e ele dava seguimento ao seu turno, Herjólfur concentrava-se na viagem em perspectiva, como se a usasse com tábuas de salvação para se convencer de que tudo ia correr bem ao entrar na casa.

A mente de Herjólfur focou-se mais uma vez na sua mulher. Eles estavam casados há 22 anos. Ela tinha engravidado ainda no início do seu namoro, o que os levava a casar pouco tempo depois. Não tinha havido qualquer hesitação ou, sequer, outra alternativa. A decisão não se relacionava com a fé, mas mais com os hábitos de respeitabilidade pelos quais

ele se pautava. Herjólfur tinha tido uma boa educação, acreditando genuinamente na importância de dar o exemplo. E eles estavam apaixonados, é claro. Ele nunca teria casado com uma mulher que não amasse. A seguir, a filha deles tinha nascido e ela tornara-se a menina dos seus olhos. Neste momento, ela tinha 20 e poucos anos e estudava Psicologia, embora Herjólfur tivesse tentado aliciá-la a ir para Direito. Esse seria um caminho que poderia levá-la a trabalhar com a Polícia, que a teria ligado de certa forma ao mundo da lei e da ordem; o mundo dele.

O rapaz chegara três anos mais tarde. Agora, com 19 anos, ele era um miúdo calmo e empenhado, a preparar-se para entrar na universidade. Talvez fosse ele quem viesse a optar pelo curso de Direito, ou a candidatar-se diretamente à Academia de Polícia.

Herjólfur tinha feito o que podia para facilitar a vida a ambos. Dispunha de bastante influência na Polícia e não hesitaria em mexer os cordelinhos necessários para os ajudar se os filhos optassem por seguir essa via; por outro lado, a sua tendência habitual em envolver-se demasiado nas coisas deixava-lhe a consciência levemente pesada. Mas Herjólfur tinha orgulho nos filhos, e a sua maior esperança era que isso fosse recíproco da parte deles. Ele estava ciente do muito que trabalhara para conseguir dar à sua família e a si próprio uma vida confortável. Não se podia esquecer de que aquela profissão trazia consigo uma série de pressões.

A família tinha emergido da crise financeira numa posição delicada, com praticamente todas as suas economias a evaporarem-se da noite para o dia. Aqueles tinham sido uns tempos difíceis, com noites de insónia, nervos à flor da pele e uma angústia constante que ensombrava tudo em redor. Agora, por fim, a situação parecia começar a estabilizar outra vez; Herjólfur tinha o que lhe parecia ser uma boa posição neste novo sítio, e eles sentiam-se confortáveis; até em segurança. Embora nenhum deles o tivesse mencionado, ele sabia que Ari Thór também se tinha candidatado ao lugar de inspetor. Ari Thór contava com o forte apoio de Tómas, o anterior

chefe da esquadra de Siglufjörður, o qual tinha ido ocupar um novo posto em Reiquiavique. Herjólfur também dispunha dos seus próprios contactos, mas os elogios rasgados que Tómas fazia a Ari Thór, a par do seu apoio, não lhe davam lugar a muitas esperanças. E, no entanto, acabara por ser ele o selecionado e não Ari Thór, um jovem a quem Herjólfur ainda não conhecia suficientemente bem. Ari não parecia ser muito expansivo e era difícil perceber o que lhe ia no pensamento. Herjólfur não sabia se haveria ali algum ressentimento em relação ao desfecho da situação. A convivência entre os dois não tinha sido longa. O filho de Ari Thór tinha nascido no final da véspera de Natal do ano anterior, e ele usufruía de uma licença de paternidade de quatro meses, acrescida de um mês de férias. Eles não eram amigos, nem tinham sequer uma relação amigável, mas tudo estava ainda no princípio.

Os sentidos de Herjólfur ficaram despertos, e todos os pensamentos sobre o colega foram arredados da sua mente, enquanto ele se aproximava lentamente da casa. Voltava a ter a mesma sensação. *A sensação de que qualquer coisa não estava nada bem.*

Se fosse necessário, ele conseguia dominar facilmente um atacante; dois, já seria mais difícil, tendo em conta que a idade tinha comprometido a boa forma dos seus anos de juventude. Herjólfur abanou a cabeça, como se quisesse sacudir as suspeitas infundadas. O mais certo era a velha casa estar deserta. Aquela sensação de mal-estar surpreendia-o.

Não se viam carros a passar. Poucas pessoas tinham motivos para se deslocarem a Siglufjörður naquela altura do ano, e muito menos a meio da noite e com aquele tempo inclemente. De acordo com o antigo calendário islandês, o próximo fim de semana inaugurava oficialmente o inverno, mas isso apenas confirmava aquilo que todos já sabiam ali, a norte — o inverno tinha chegado.

Herjólfur estacou, apercebendo-se subitamente de um feixe de luz, vindo do interior da casa. Seria uma lanterna? Nesse

caso, *estava* ali uma pessoa no meio das sombras, ou até mais de uma. A sua desconfiança relativamente àquela chamada de emergência era cada vez maior, deixando-o profundamente inquieto.

Deveria gritar e dar sinal da sua presença, ou tentar entrar furtivamente para ter uma ideia da situação?

Herjólfur abanou a cabeça outra vez, readquirindo o domínio de si próprio e avançando a passos largos, quase com fúria. *Não sejas mole. Não sejas tão estupidamente mole!* Ele sabia lutar, e os intrusos não deviam estar armados.

Ou estariam?

O feixe de luz oscilante voltou a chamar a sua atenção e, desta vez, ele estava diretamente virado para os seus olhos. Herjólfur parou, sobressaltado, e mais receoso do que ousava confessar, semicerrando os olhos à luz ofuscante.

— É a Polícia! — gritou, com toda a autoridade que conseguiu, com o tremor da voz a denunciar a sua insegurança. O vento abafou quase por completo a energia aplicada nas palavras, mas estas deviam ter sido ouvidas no interior, por detrás das janelas escancaradas.

— É a Polícia! — repetiu ele. — Quem está aí?

A luz incidiu sobre ele pela segunda vez e Herjólfur sentiu-se dominado pela necessidade imperiosa de sair dali, de procurar alguma espécie de proteção. No entanto, hesitou, mesmo que os seus instintos lhe dissessem o contrário. Um agente da Polícia era a pessoa que detinha a autoridade, pensava ele. Não devia deixar-se perturbar, sentir a necessidade de se esconder.

Deu um passo em frente, aproximando-se da casa, avançando com cuidado.

Foi nessa altura que ele ouviu o disparo, ensurdecedor e violento.

2

Não era a primeira vez que o choro de uma criança vinha despertar Ari Thór. Ao olhar para o relógio, ele viu que eram cinco e meia da manhã. Tinha-se deitado cedo na noite anterior, depois de dois dias a batalhar contra uma gripe outonal virulenta, mas aquela era de longe uma hora demasiado matutina para ele estar acordado.

Kristín ia ficar em casa nesse dia. Ela acabara de regressar ao trabalho no hospital de Akureyri, mas somente a tempo parcial.

Ari Thór sentia que tudo o que se relacionava com o bebé estava meticulosamente organizado, por vezes, demasiado organizado. Os legumes tinham de ser orgânicos, nunca se devia levantar a voz perto dele e quando o pequenito gatinhava pelo chão, este deveria estar idealmente num estado de limpeza imaculado.

O rapaz ia fazer 10 meses — o seu primeiro aniversário estava à porta. Ari Thór sugerira a Kristín que ela voltasse a trabalhar de novo a tempo inteiro; o hospital estava à sua espera, a braços com uma equipa de médicos demasiado escassa. *Não podes conservar o rapaz eternamente numa redoma.*

Por outro lado, a manter-se mais tempo afastado do trabalho, ele próprio corria o risco de ficar desempregado. Falara-se

em recrutar um novo agente para a esquadra de Siglufjörður, mas nada fora feito nesse sentido. Havia cortes e poupanças em toda a parte. Um agente temporário substituíra Ari Thór durante a licença de paternidade, mas depois regressara a Reiquiavique.

O papel de pai era importante para Ari, mas ocupava-lhe bastante tempo, além de ser indubitavelmente uma fonte de tensão ocasional entre ele e Kristín. Além disso, como filho único, ele não tinha muita experiência com crianças, o que lhe exigira algum esforço inicial para lidar com a situação. Depois, havia o problema do nome do rapaz. Ari Thór tinha deixado passar alguns dias a seguir ao nascimento até abordar o assunto. Reconhecia haver ali um pomo de discórdia, e a questão estava mais em saber até que ponto a discussão seria grave, do que se esta iria realmente existir. De início, deslumbrado pelo nascimento do seu primogénito, ele não considerava o nome como algo assim tão importante. Talvez fosse melhor não tomar uma posição de força e perturbar a harmonia perfeita que os rodeava. Contudo, as emoções acabaram por levar a melhor. Aquilo era importante. Ari Thór Arason era a escolha óbvia, batizando o filho com o nome do seu pai, falecido tão prematuramente.

«Nesse caso, acabavas por também dar à criança o teu próprio nome», sublinhara Kristín, ao reacender-se a discussão. «E em relação ao meu pai? Não é igualmente incorreto deixá-lo de fora?»

Ari Thór optou por não aludir ao aspeto óbvio de o seu pai já não estar no mundo dos vivos e que o nome equivalia a um sinal de respeito bem merecido. Embora considerasse o facto extremamente importante, ele preferiu não suscitar novos desentendimentos.

O resultado foi Kristín sugerir que se desse ao rapaz o nome de Stefnir: *aquele que abre o caminho*. Um nome forte e vigoroso, mas que não provinha da sua família ou da de Kristín. Ari Thór demorou um dia e uma noite a ponderar o assunto,

o que correspondia a um protesto em si mesmo, embora ele não tivesse a certeza de que a mensagem fosse inteiramente captada.

Por fim, deu o seu assentimento. O nome agradava-lhe o suficiente e ele reconhecia que batizar o filho com o nome do pai era um caso perdido.

Kristín acordou quando Ari se remexeu na cama. O menino dormia no quarto deles, num berço usado, e tinha começado a chorar energicamente. Ari Thór tinha comprado o berço em segunda mão, depois de o ver anunciado no painel da cooperativa local, ao lado de outros objetos. Naquele sítio, os negócios seguiam os preceitos antigos e, sem uma loja Ikea nas proximidades, era raro os móveis irem parar ao lixo. O berço parecia novo e Ari nem sequer informara Kristín que assim não era, pois o mais provável era ela não dar o seu acordo com um bebé recém-nascido em casa.

Kristín levantou-se.

— Deixa-te ficar na cama — disse ela. — Não quero que passes a gripe ao Stefnir.

Ari sentiu-se reconhecido por ficar mais tempo na cama. Estava a contar com mais um dia para se restabelecer, e isso implicava que Herjólfur tinha de fazer um novo turno suplementar.

Os contactos entre ele e Herjólfur, o seu novo chefe, tinham sido notoriamente incipientes. Herjólfur era um homem de trato cortês e afável, além de ser um oficial consciencioso, mas mostrava ser um indivíduo reservado. Desiludido por não ter sido promovido, Ari Thór tinha de confessar que não fizera qualquer esforço para ajudar o novo colega a integrar-se à sua chegada, sendo possível que isso tivesse influenciado o relacionamento entre os dois. Ele estava certo de que a sua relação com Herjólfur nunca seria tão próxima como a que tivera com o seu antecessor, Tómas. Este tinha ascendido a um novo cargo na Polícia de Reiquiavique, tendo aludido várias vezes de forma informal à hipótese de Ari Thór ir para o Sul, e candidatar-se

a um lugar na capital. O que estava ali implícito era haver um trabalho à sua espera, se Ari alguma vez precisasse dele.

Ari Thór desejava ardentemente aquela mudança, e tinha falado com Kristín sobre isso. Embora mostrasse algum interesse no assunto, ela lembrara-lhe o compromisso assumido com os seus superiores para permanecer mais um ano, pelo menos, no seu posto, no hospital da cidade vizinha de Akureyri.

«Pensamos nisso no próximo ano», propusera ela com um sorriso. «Esta vida numa cidade pequena não é assim tão má e o ar do mar vai fazer bem ao Stefnir.»

Ari Thór tinha suspirado. *Porque era ela sempre tão contraditória? Tinha começado por odiar a ideia de ir para Siglufförður e agora estava a adorá-la...*

Na verdade, ela mostrava-se anormalmente distante nos últimos dias, algo que Ari não conseguia compreender muito bem. Seria pouco provável tratar-se de uma depressão pós-parto; aquela frieza era algo de novo e a criança já tinha quase 1 ano.

* * *

Ari Thór foi despertado pelo seu telemóvel. Kristín já tinha levado Stefnir para baixo e o toque incessante veio romper aquela tranquilidade frágil. Ele esticou o braço para o aparelho, com os olhos fechados. Este continuava no seu lugar sobre a mesa de cabeceira, ligado de dia e de noite, quer Ari estivesse ou não de serviço. Não restava outra alternativa, numa esquadra de Polícia com uma equipa diminuta, naquela comunidade tão pequena.

Devia ser Herjólfur a querer saber se ele já estava suficientemente bem para regressar ao serviço. Embora o novo chefe não fosse muito falador, Ari Thór sabia que ele e a sua mulher, Helena, planeavam deslocar-se ao Sul, a Reiquiavique. Herjólfur confessara-lhe uma vez que as atividades ao ar livre não lhes despertavam grande interesse e eles não tinham chegado sequer a esquiar, apesar de haver excelentes pistas de

esqui logo nas imediações da cidade. Para ele, aquela viagem ao Sul, com uma deslocação ao teatro, era algo importante, e Ari Thór sabia que se esperava que ele se curasse da gripe para os dois a poderem fazer.

Ao atender, ele nem se deu ao trabalho de olhar para o ecrã, ficando surpreendido ao ouvir a voz de uma mulher. Não era Herjólfur.

— Está lá? Ari Thór? — Havia um tremor naquela voz que ele desconhecia. — Espero não o ter acordado.

Seguiu-se um momento de silêncio.

— Sim? — retorquiu ele. — Quem fala?

— É a Helena. A mulher do Herjólfur.

Ari Thór soergueu-se, reparando que eram quase seis da manhã. Ele teria gostado de ficar na cama mais algum tempo.

— Sim? — repetiu ele, apanhado de surpresa.

— Eu... — a mulher hesitou. — Eu ando à procura do Herjólfur.

— À procura dele?

— Ele não regressou a casa depois de ter saído ontem à noite. É tudo quanto sei. Na altura, eu estava meio adormecida. Mas ele não voltou e não atendeu o telemóvel quando lhe liguei.

— Não estará na esquadra? — alvitrou Ari Thór. — Julgo que ele estava a prever substituir-me hoje de novo. Eu tenho estado com uma gripe miserável.

— Também telefonei para a esquadra — referiu Helena. — Não obtive qualquer resposta.

Uma situação estranha.

— Vou tentar telefonar-lhe. Se ele não atender, eu dou uma volta pela cidade para ver se localizo o carro-patrolha em algum sítio.

— Não soube de nada dele? — inquiriu Helena, embora a resposta fosse óbvia.

— Receio que não. Deixe o assunto comigo e eu volto a contactá-la — disse Ari, e desligou a chamada. A seguir, marcou

o número de Herjólfur e ficou a ouvir o toque do telemóvel sem qualquer resposta. Era-lhe difícil sair da cama naquelas condições, mas não lhe restava outra alternativa.

Optou por não se fardar, vestindo antes a roupa que deixara pendurada aos pés da cama, e desceu para o piso de baixo. Kristín estava a dar papas de aveia a Stefnir, ou a fazer o possível por isso, de qualquer maneira, já que a maior parte da comida parecia estar espalhada na cara dele.

— Tenho de sair e precisava de levar o carro.

Havia apenas um carro, o de Kristín, que ela usava para se deslocar entre Siglufjörður e Akureyri.

— Vais sair? — inquiriu ela com ar espantado. — Não estás doente?

— Sim, mas parece que o Herjólfur... — Ari hesitava sobre a forma de explicar o sucedido. — Parece que ele desapareceu — acabou por dizer.

— Desapareceu? — repetiu Kristín com um sorriso, e Ari apercebeu-se de como parecia absurdo sair do seu leito de doença para ir à procura de um homem adulto. — Estás a dizer-me que perderam o rasto a um polícia?

O menino dirigiu-lhe um sorriso. À exceção de Ari, todos pareciam achar aquilo divertido.

— Eu não me demoro, querida.

* * *

Nesse momento, a noite começava a dar lugar ao dia na pequena cidade.

Ari Thór passou pela esquadra para se certificar de que Herjólfur não se encontrava lá, chegando a verificar o interior para ter a certeza absoluta, mas o local encontrava-se deserto. Não havia sinais de Herjólfur.

Teria de haver uma explicação lógica qualquer, contudo o estado ainda debilitado de Ari não lhe permitir vislumbrar nenhuma. Ele foi conduzindo o carro devagar pelo centro

da cidade, descrevendo um amplo périplo pelas ruas laterais a seguir, mas o carro-patrolha não se via em lugar nenhum. Antes de tomar novas medidas, Ari Thór considerou que valia a pena dar uma olhadela às únicas duas vias de saída da cidade, a estrada para o túnel Strákar, o antigo túnel da montanha, e a que conduzia ao novo túnel, o Hédinsfjörður.

Com a consciência de que não estava apto para conduzir, ainda meio dormente, e sentindo-se doente e fraco, Ari teve de olhar uma segunda vez para distinguir o carro-patrolha na berma da estrada. Este encontrava-se próximo da entrada do túnel Strákar e em frente à velha casa desabitada, cujo estado de degradação se tinha acentuado desde a sua chegada à cidade.

Cada vez mais inquieto, Ari Thór sentiu-se dominado por uma sensação de mal-estar, quase como um mau presságio. Nesse momento exato, ele *soube* que algo tinha acontecido a Herjólfur. Com uma descarga de adrenalina a fornecer-lhe a energia suplementar de que necessitava, para manter a gripe à distância algum tempo e raciocinar com clareza, ele estacionou atrás do carro-patrolha.

Espreitou através dos vidros do carro, rodeando o corpo com os braços para se proteger da chuva glacial, e esforçando-se por adaptar a vista à escuridão que precedia a alvorada. Em seguida, abriu a porta para ver se Herjólfur estava lá dentro.

Vazio.

Com a ansiedade a aumentar, ele passou os olhos pela paisagem em seu redor, a alta montanha onde a estrada tinha sido literalmente esculpida, e o mar do outro lado. Mal havia espaço para aquela casa isolada, ali do lado da estrada, sobre o que era essencialmente um aterro, seguido de um declive abrupto e mortal sobre o gélido mar do Norte. Da casa, não provinha qualquer luz, nem sinais do seu colega. Ao dirigir-se bruscamente para lá, com o casaco firmemente aconchegado ao corpo, enquanto o vento agitava a chuva num remoinho, Ari perguntou a si próprio se alguém o conseguiria ouvir se ele gritasse. E, depois, já não foi preciso fazê-lo.

Sobre a gravilha, a poucos metros de distância da casa hostil, jazia um homem vestido com o uniforme da Polícia. Estava perfeitamente imóvel. Ari Thór dirigiu-lhe o foco da lanterna para se assegurar de que se tratava de Herjólfur, mesmo sabendo que não podia ser outra pessoa. A visão do sangue a gotejar em poças em redor do homem prostrado fê-lo reter a respiração e ele estacou por momentos, custando-lhe a acreditar no que os seus olhos viam, antes de se curvar em busca de sinais vitais. Com os dedos a tremer, Ari tentou sentir-lhe a pulsação sem sucesso, sobrevindo-lhe o pensamento de que ele próprio podia correr perigo. Deveria sair dali e chamar a ambulância a partir do carro?

E, depois, ele sentiu-a; Ari Thór teve a certeza de que detetava uma leve pulsação. Ou aquilo não passaria de uma ilusão, com a esperança a sobrepor-se à realidade?

Tirou o telemóvel do bolso e limpou o ecrã à manga do casaco, contactando a linha de emergência a pedir que enviassem uma ambulância imediatamente, com um tom esganiçado na voz que lhe soou estranho aos ouvidos. O percurso era curto, já que o hospital ficava perto dali. Ari relatou a situação da forma mais sucinta e clara que conseguiu.

— Ele ainda está vivo?

— Acho que sim — respondeu ele em voz baixa; e acrescentou, agora, falando mais alto e com determinação: — acho que está.

Não havia mais nada que ele pudesse fazer. Não tinha condições para correr riscos ou conseguir averiguar a extensão dos ferimentos de Herjólfur.

Sentiu o desejo instintivo de fugir, de se refugiar num local mais seguro, mas era incapaz de deixar Herjólfur ali. Deixou-se ficar sentado no chão, ao lado dele, a tremer incontrolavelmente. Não se avistava vivalma, com o fiorde a revestir-se de uma escuridão pouco habitual naquela manhã. Era uma época do ano sombria, em que o Sol raramente dava sinais de existir, preparando-se para desaparecer daí a poucas semanas atrás das montanhas, durante dois longos meses.

Ao avistar umas luzes ao longe, Ari começou instintivamente a esfregar a mão de Herjólfur.

— Já estão a chegar — disse-lhe em voz baixa. — Tudo vai correr bem. — As palavras foram-lhe arrebatadas pelo vento num turbilhão. Ocorreu-lhe que não estaria a falar com mais ninguém senão consigo próprio, provavelmente.

Nesse preciso momento, um pensamento incómodo cruzou a sua mente, e Ari tentou em vão extirpá-lo dali, abafá-lo antes que ele se expandisse. *Se o Herjólfur não regressar ao trabalho, o lugar de inspetor será meu, indiscutivelmente.*

Julho de 1982

Por fim, deram-me um lápis e um caderno de apontamentos.

O lápis é amarelo e velho, e está mal afiado, e o caderno de apontamentos já foi usado por outra pessoa, tendo as primeiras folhas sido arrancadas desordenadamente. Terá alguém já tentado pôr em palavras os seus problemas e a sensação de impotência, da mesma forma que eu? Talvez houvesse ali alguns esboços interessantes, com a paisagem imutável do jardim das traseiras apresentada de forma artística, se alguma vez isso fosse possível. Há coisas tão cinzentas e frias que, por mais cores que se coloquem numa folha de papel, elas jamais irão regressar à vida.

Sinto-me ligeiramente melhor, agora que já escrevinhei qualquer coisa no caderno, embora não saiba explicar exatamente a razão. A escrita nunca me proporcionou alguma satisfação em especial. Agora, tenho apenas a sensação de que ela pode salvar-me a vida.

Até pode ser indiferente aquilo que eu opte por escrever neste caderno. Talvez qualquer coisa sobre os antecedentes da minha vinda para aqui, as minhas emoções e a vida monótona deste lugar. O que quer que sirva para manter a minha sanidade.

Passei as últimas duas noites praticamente sem dormir. A luz do Sol é bastante forte, tanto de dia como de noite, e estas cortinas espessas não servem para grande coisa. O Sol infiltra-se através delas para me impedir de adormecer. A claridade não parece perturbar o meu colega de quarto, que passou a noite profundamente adormecido. Ao longo do dia, ele está igualmente tranquilo, não falando muito, sendo uma pessoa pouco expansiva. Na minha ingenuidade, eu achava que isso seria bom para mim, contudo, pensando melhor, reconheço que era benéfico ter alguém com quem conversar.

Acho que podia falar mais com a enfermeira, mas isso é algo que não me interessa realmente. Foi ela quem me arranjou o lápis e o caderno de apontamentos, e isso foi simpático da sua parte. Contudo, existe algo nela que me dissuade de tentar uma aproximação. Há qualquer coisa nos seus olhos que me desagrada, algo que me diz para não confiar nela. Não é que eu considere a minha avaliação infalível no momento presente, mas tenho de seguir aquilo que a intuição me diz.

As luzes já foram apagadas há um bom bocado, mas eu continuo aqui, nesta cadeira, a escrever na penumbra. Afastei a cortina para o lado, para deixar entrar um pouco de luz. Ela não parece perturbar o meu colega de quarto, mais do que o arranhar do lápis nestas folhas de papel.

Sinto o peso do próprio cansaço a aumentar a cada palavra que escrevo. Finalmente. É uma sensação familiar e há muito aguardada. Talvez eu possa vencer a luminosidade da noite, limitando-me a abraçá-la.

Agora, já chega. Agora, vou correr a cortina e tentar descansar.

3

Gunnar Gunnarsson tinha mexido uns quantos cordelinhos para arranjar aquele lugar.

A sua nomeação como novo presidente da Câmara dos municípios de Siglufjörður e Ólafsfjörður ocorrera há pouco tempo e ele não tinha cometido nenhum erro crasso até ao momento. Gunnar cultivara a imagem de um responsável de confiança, vigoroso e energético, transmitindo sempre uma boa impressão, com o seu modo de vestir elegante e a dedicação ao trabalho, elegendo como prioridade absoluta a gestão daquela pequena comunidade. Era evidente que ele conseguira incomodar alguns dos interesses instalados dos manda-chuvas locais, mas outra coisa não era de se esperar. O bem-estar financeiro dos indivíduos e empresas nem sempre coincide com o da comunidade, e é frequente as questões de planeamento suscitarem zonas de conflito.

Através do olhar inocente dos próprios filhos, Gunnar tinha-se apercebido das fronteiras claras entre o bem e o mal, entre o certo e o errado. As pessoas eram boas ou eram más. Depois, à medida que os anos passavam, aquelas fronteiras tinham acabado por se esbater gradualmente.

No fundo, Gunnar era um bom tipo, embora tivesse provavelmente um ou dois segredos inconfessáveis. Aquele

telefonema tinha-o deixado bastante perturbado, despertando-o de um estado letárgico. Agora, ele sabia que tinha de entrar nos eixos.

Ele tinha algumas circunstâncias atenuantes. Aqueles eram tempos difíceis. A mulher tinha ido para a Noruega e levado os dois filhos consigo. Eles não estavam divorciados. O divórcio era um termo que ambos evitavam, mas cada dia que passava tornava essa hipótese mais plausível. A mulher era médica e fora-lhe dada a oportunidade de ocupar um lugar num grande hospital em Oslo. Gunnar começara por se mudar para lá com a sua família, mas tinha-lhe sido difícil arranjar emprego, constatando com desilusão que a sua licenciatura em Ciências Políticas de uma universidade islandesa não lhe abria muitas portas na Noruega. A despeito dos encorajamentos da mulher, ele não conseguia resignar-se a ser um marido desempregado, mesmo que ela lhe lembrasse que o seu ordenado na valiosa moeda norueguesa era mais do que suficiente para lhes garantir a estabilidade, a eles e aos filhos.

Naquela manhã, Gunnar tinha-se levantado bastante cedo, sentindo-se cansado depois de uma noite agitada. Havia noites em que o sono mais não era que um estado fugaz e transitório, oscilando constantemente entre a inconsciência e o despertar, negando-lhe qualquer possibilidade de descanso. Havia até noites em que ele não conseguia dormir em absoluto, mas isso era algo que os seus colegas na Câmara ignoravam. Já em relação a Elín, era difícil esconder-lhe alguma coisa, obviamente, mas isso não constituía um problema.

Elín seguia-o como uma sombra. Os dois tinham sido colegas de estudos e dado juntos os primeiros passos na carreira de jornalismo. Unia-os uma grande amizade, a qual não se revelara muito benéfica em relação ao seu casamento. O semblante carrancudo da mulher de cada vez que o nome de Elín era pronunciado testemunhava uma falta de confiança, como se se partisse do princípio de que ele estava apaixonado por Elín e que os dois tinham um caso. Gunnar tinha de admitir,

apenas a si próprio e jamais a outra pessoa qualquer, que ela era uma mulher verdadeiramente fascinante, conjugando encanto e inteligência, mas ele tinha resistido a qualquer tentação até ao momento. Nunca lhe passaria pela cabeça que ela se teria furtado a algum avanço da parte dele, considerando existirem várias pistas ao longo dos anos que apontavam nesse sentido. Autoconfiança era algo que nunca lhe faltara.

No momento atual, o seu casamento atravessava a pior crise de sempre. Mil e seiscentos quilómetros e um oceano inteiro separavam-no da sua mulher, e o relacionamento entre eles tornava-se difícil, com os dois a mostraram-se insatisfeitos e facilmente irritáveis. Nestas circunstâncias, dificilmente se poderia esperar que ele fosse completamente fiel, pelo menos, em termos físicos. Uma coincidência feliz levava a que Elín não tivesse qualquer compromisso nessa altura.

Gunnar tinha-a convidado a assumir a vice-presidência no momento em que soubera que o lugar de presidente da Câmara lhe pertencia. Teve de começar por informar o vice-presidente em exercício dessa decisão, mas essa tinha sido uma batalha que lhe dera prazer travar, já que afastar alguém ligado à antiga maioria no conselho municipal era vantajoso para a nova maioria. Ele não estava disposto a mudar-se para o Norte sozinho, sem dispor de aliados que o apoiassem, e Elín cumpriria esse papel na perfeição.

O cargo de presidente da Câmara numa cidade tão pequena como aquela não era exatamente o seu trabalho de sonho, mas iria servir. Trazia-lhe poder, um ordenado decente, e também experiência, a qual lhe seria útil mais tarde. Gunnar tomara a iniciativa de se candidatar ao lugar, depois de um amigo de longa data ser eleito para o conselho municipal como membro da maioria no poder. Ao contactá-lo, Gunnar soube que ele tencionava arranjar um gestor profissional, pelo que a sua nomeação era algo que convinha aos dois. Gunnar acabou por obter uma posição que muitas pessoas ambicionavam, ao mesmo tempo que o seu amigo do conselho municipal

arranjava um presidente em quem confiava e que podia apoiar nos bastidores.

Para este acordo se consumir, foi necessário adicionar alguns toques finais ao processo. Durante os seus seis meses de permanência em Oslo, Gunnar tinha-se candidatado a um estágio não remunerado num dos ministérios da Noruega. A candidatura fora acolhida favoravelmente, embora ele não considerasse isso uma conquista importante, sendo provável que qualquer pessoa que estivesse disposta a trabalhar de graça viesse a ser aceite. Para o seu estágio, foram-lhe atribuídas instalações num ministério no centro de Oslo, na companhia de estudantes muito mais jovens. O trabalho estava longe de ser aliciante e o facto de Gunnar não dominar a língua norueguesa tão bem como o fizera constar na sua candidatura não facilitou em nada aquela experiência. No entanto, na altura em que foi necessário elaborar um currículo para a candidatura ao lugar de presidente da Câmara, o estágio transformou-se num emprego e um mês passou a ser um período indeterminado, sob o título vago de «consultadoria em administração parlamentar», o qual acabou por ser incorporado no texto. Esta experiência na Noruega alcançou claramente o efeito desejado na altura da decisão sobre quem seria o feliz eleito, pelo menos, de acordo com o que Gunnar soube mais tarde.

Ele nunca teria escolhido Siglufjördur, se houvesse outra municipalidade disponível com maior dimensão. A família não era do Norte e Gunnar não tinha virtualmente quaisquer laços pessoais com a região, embora o facto de ele não estar contaminado pelas tradições, mexericos e política locais jogasse fortemente a seu favor.

Gunnar vivia numa casa arrendada de dimensões generosas na zona mais recente de Siglufjördur, junto às barreiras da cidade contra as avalanchas. Até ao momento não lhe fora dado assistir a grandes nevões, mas aquelas muralhas de defesa impressionantes continuavam a transmitir-lhe um sentimento de segurança. Muitas pessoas haviam-lhe realçado

quão relaxante devia ter sido mudar-se para uma comunidade costeira com laços tão coesos, que tinha as montanhas e o mar como vizinhos. Era habitual ele limitar-se a fazer um sorriso de assentimento, enquanto interiormente não conseguia ver o que haveria de encantador na solidão, no isolamento e no frio.

Sentou-se à mesa da cozinha ainda despido e meio ensonado, a bebericar o seu café, com os olhos postos na janela. Mais vento e chuva torrencial era a única descrição que se podia fazer do tempo naquela manhã. Não havia forma de lhe dar uns contornos levemente mais românticos, mesmo ali, naquele paraíso bucólico. Naqueles dias, ele não sentia qualquer desejo de sair de casa. Era impossível ficar ali muito tempo; os quatro anos que mediavam entre uma eleição do conselho municipal e a seguinte eram a conta certa; nessa altura, ele ia conseguir arranjar um emprego melhor, de preferência, num sítio próximo de uma grande metrópole e, idealmente, no estrangeiro. Mas isso implicava uma conduta irrepreensível e dar o máximo no seu trabalho enquanto ali estivesse. Não é que aquele sítio tivesse muita coisa que o fizesse deitar tudo a perder, pois não? *Não*, respondeu a si próprio. As situações potencialmente explosivas encontravam-se longe dali. Era a sua vida pessoal que devia preocupá-lo; ele não podia em absoluto destruir o sucesso frágil já alcançado e havia uns quantos segredos que jamais deveriam ser revelados. Por vezes, ele próprio podia ser o seu pior inimigo.

Nessa altura, veio-lhe à ideia o telefonema do inspetor da Polícia. Aquele era exatamente o tipo de ser miserável que podia arruinar-lhe completamente a vida.

«Uma prosa evocativa e uma construção magistral.»

THE GUARDIAN

Na pequena aldeia islandesa de Siglufjörður, o jovem polícia Ari Thór Arason procura refúgio do seu passado e dos horrores que nele se escondem. Apesar do isolamento da aldeia, acessível apenas por um pequeno túnel nas montanhas, mantém uma relação difícil com os aldeões, que o acham estranho. Exausto, e com a sua vida privada a intrometer-se no trabalho, Ari Thór mete baixa.

Com Ari Thór ausente, o polícia que o substitui, e seu único colega, é assassinado à queima-roupa, a meio da noite, numa casa deserta. Cabe agora a Ari Thór deslindar um caso que rapidamente se torna muito mais complicado do que parecia: a comunidade fecha-se, a política local dificulta tudo, e o novo presidente da Câmara envolve-se no caso muito além da sua função.

A investigação vai levar Ari Thór até bem longe da aldeia. O que terá a ala psiquiátrica de um hospital em Reiquiavique a ver com este crime? O que será que todos em Siglufjörður estão a tentar esconder? E conseguirá Ari Thór aguentar uma investigação tão exigente?

«Um excelente escritor islandês. A escuridão e o frio são quase palpáveis.»

THE TIMES

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-49-4



9 789898 869494

Policial